

PROSA DE FICÇÃO

Cassiano

Conto de *Moreira Campos*

A mãe contava-lhe estórias, à luz do candeeiro. Chovia. A água e o vento fustigavam as paredes, os muros. O vento gemia ainda nos beirais e frinchas, a água descia em borbotões pelos vidros das janelas e portas fechadas. O relâmpago, que descobria velhos móveis na pequena sala de cadeiras austríacas, e logo o trovão, forte, tremente, mas que se ia perdendo longe, distante, em ressonâncias pelos subúrbios mais pobres assim como um rufar de tambor.

Os olhos do menino se dilatavam, e todo ele perscrutava a noite e os mistérios. A mãe era paralítica, na sua eterna rede ao canto da sala, ao lado a cadeira com o candeeiro, e, a essa meia-luz, os joelhos dela inflamados pela doença e luzidios também pelo sebo de carneiro capado com que os untava para minorar as mil agulhas da dor.

O pai do menino viajava sempre. Chegava à noite ou quando a barra do sol já tingia o horizonte e os galos cantavam. Longas viagens, para a abertura de estradas ou apontamento dos homens que cavavam as obras. A sua chegada era anunciada pelo sopro do cavalo, que ele amarrava no poste próximo à calçada alta. O cavalo era inquieto nas patas e narinas, e tinha um cheiro de suor de que o menino gostava, sem saber bem se gostava do cheiro do suor ou da chegada do pai, porque o abraçava pelas pernas, e a mãe também se apaziguava: sempre via o marido perdido, distante, por aqueles ermos, atalhos e encruzilhadas, com notícias de tantas emboscadas, ele conduzindo nos alforjes o dinheiro para a paga dos homens.

O menino sentava-se no chão, de pernas cruzadas, ao lado da mãe, somente os dois, porque a preta Nazaré já dormia, depois de debulhar o terço. Ouvia-lhe as estórias. Entre elas, a de Cassiano, o maquinista louco e moço. Corria desabaladamente sobre os trilhos: herói da penetração, do transporte, por aqueles remotos tempos. O chão tremia sob a sua máquina e vagões. Os dormentes e rodas tinham uma cadência sincopada de loucura: sarabanda de demônios, o mais terrível deles Cassiano. O longo apito que cortava a noite ou se perdia na luz vibrante do sol, a cabeleira da maria-fumaça, negra e volumosa na curva larga. Nunca teve desastres, descarrilamentos. Um malabarista dos trilhos, e chegava nas estações à hora certa, sem atrasos.

Cassiano era uma legenda.

Descia na estação de pernoite, e logo as mulheres, na pensão, o cercavam, lhe tiravam o dólma, lhe recolhiam o boné, uma outra o livrava dos grossos sapatos, e Cassiano ria, caindo de costas na rede:

— Upa!

As mulheres o beijavam e lhe aflagavam os cabelos. Para ele, na mesa, o melhor bocado, a sobremesa reservada no velho guarda-louça. Também Cassiano trazia-lhes mimos: a água-de-cheiro, o calendário, se era dezembro, o corte de chita, a cestinha de frutas, coisas que acumulava na prateleira da máquina, e ia distribuindo com os seus amores, que eram muitos, e algumas das meninas querendo ir com ele na máquina, mesmo abandonando pai, mãe, irmãos pequenos e obrigações, porque Cassiano era um chamado.

Pela manhã, as mulheres iam deixá-lo até a máquina, e Cassiano tinha o rosto e a camisa branca aberta no dólma marcados de carmim.

O apito, o silvo da pressão, um cheiro de graxa e de lenha, o rolar lento das rodas, e logo a sarabanda de demônios, sendo o pior deles Cassiano. Tremiam os dormentes, tremia o chão. Passava ponte, passava bueiro, passava corte, passava a curva, e havia fagulhas que vinham no vento e a imensa cabeleira da maria-fumaça:

“Café com pão, bolacha não.
Café com pão, bolacha não.
Café com pão, bolacha não.”
Café com pão, bolacha não.”

E o apito vibrante e oportuno, porque fora avistada vaca no leito da estrada, boi que passasse, carneiro ou cabra tosando o pasto na beira do trilho. E a paisagem larga: postes, o vôo do carcará, o gado na manga, o açude, o homem com a enxada, o roçado de milho, casebres com mulheres nas janelas, para as quais o braço moço de Cassiano acenava, no fio sem nome da velocidade.

Cassiano, uma legenda: o louco.

A mãe do menino contava, e a imaginação do menino completava coisas. Chovia muito naquele tempo. Fortes aguaceiros, que fustigavam as pestanas fechadas das casas. O mundo era um mistério, a noite encolhia as almas. O menino apanhava no pires e passava nos joelhos inflamados da mãe o pedaço de sebo morno do carneiro capado.

Até que houve noite em que Cassiano avistou diante da sua louca máquina uma estranha mulher. Ela corria ao comprido dos trilhos, fazendo croché, os cabelos longos e soltos, o vestido também longo, em cauda, e diáfano, e a mulher dizia, desafiando Cassiano:

“Corre, corre, Cassiano,
que eu de ti não tenho medo:
tu, com a máquina no trilho,
eu, com o croché no dedo.”

Debalde Cassiano tentava alcançá-la. Inútil o esforço: ela era diáfana e inatingível como o próprio mistério.

“Café com pão, bolacha não.
Café com pão, bolacha não.
Café com pão, bolacha não.”

Inútil.

Só os cabelos dela, o seu longo vestido. Em tudo, e aqui dentro da pequena sala, o mistério da noite, do vento que uivava e da chuva que caía.

“Corre, corre, Cassiano,
que eu de ti não tenho medo:
tu, com a máquina no trilho,
eu, com o croché no dedo.”